

Internet: imagens no espaço e tempo

Internet: images in the space and time

ENTREVISTA: Marcos Palacios

Interview: Marcos Palacios

Resumo

Entrevista concedida pelo professor Marcos Palacios, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) ao Programa Olhar da TV UFPB por ocasião da realização do III Pentálogo, promovido pelo Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO), na cidade de João Pessoa, Paraíba, em setembro de 2012. Tema: "**Internet: imagens no espaço e tempo**". A entrevista foi conduzida pelas professoras Emília Barreto e Virgínia Sá Barreto (professora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB). Transcrição: Profa. Dra. Sandra Regina Moura (PPJ-UFPB).

Palavras-chave

Internet; Jornalismo digital; Jornalismo móvel; Interatividade.

Abstract

Interview given by Professor Marcos Palacios, of the Universidade Federal da Bahia (UFBA) to the Olhar Program of the TV UFPB at the completion of CISECO in the city of João Pessoa, Paraíba, in September of 2013. Theme: "Internet: images in space and time". The interview was conducted by teachers Emilia Barreto and Virginia Sá Barreto (teacher PPJ / UFPB). Transcript: Prof. Dr. Sandra Regina Moura (PPJ-UFPB).

Keywords

Internet; Digital journalism; Mobile journalism; Interactivity.

Marcos Palacios

JORNALISTA. Doutor em Sociologia pelo Center for Latin-American Studies da University of Liverpool (1979). Atua na área de pesquisa e ensino de Comunicação, com ênfase em Webjornalismo, Jornalismo Comparado e Novas Tecnologias de Comunicação. Criador, juntamente com o Prof. André Lemos (UFBA) do Grupo Ciberpesquisa, pioneiro no Brasil em estudos de Cibercultura (1996); criador juntamente com o Prof. Elias Machado, do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online (GJOL), um dos grupos pioneiros no estudo do ciberjornalismo no Brasil (1995). Em 2009 recebeu o Prêmio Adelmo Genro Filho como Pesquisador Senior, outorgado pela SBPJor (Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo). É professor-titular da Universidade Federal da Bahia. Autor e organizador dos livros *Modelos de jornalismo digital* (2003), *Manual de Laboratório de Jornalismo na Internet* (2007), *Ferramentas para análise de qualidade no Ciberjornalismo* (2011), dentre outros.

REALIZADA EM 21 DE SETEMBRO DE 2012
TRANSCRITA EM 26 DE OUTUBRO DE 2014

João Pessoa – Brasil | ANO 1 VOL.1 N.1 | JUL./DEZ. 2014 | p. 155 a 170

Revista Latino-americana de Jornalismo | ISSN 2359-375X

O professor Marcos Palacios esteve em João Pessoa, em setembro de 2013, entre os convidados do I Colóquio Semiótica das Mídias, promovido pelo CISECO – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação. Na ocasião o professor concedeu esta entrevista especial às professoras Emília Barreto e Virgínia Sá Barreto, gravada para o programa *Olhar*, da TV UFPB. O professor fala sobre sua trajetória acadêmica e sobre as pesquisas que vem desenvolvendo nas áreas de jornalismo digital, palataformas móveis e novos recursos de veiculação jornalística.

Novas pesquisas em jornalismo digital

Eu atualmente estou trabalhando em duas áreas de preocupação dentro do jornalismo digital, que é o espaço acadêmico em que me tenho movido nos últimos vinte anos. Por um lado, tenho me dedicado a questões relacionadas aos novos suportes para o jornalismo digital – os *smartphones* e os *tablets* - e seu impacto no ecossistema midiático contemporâneo. E nesse sentido estou particularmente interessado nas potencialidades que se abrem com uma nova característica propiciada por esses suportes que é a taticidade.

Nós temos tradicionalmente pensado o jornalismo na internet em termos de características próprias desse suporte para a prática jornalística e para o consumo da informação jornalística: a hipertextualidade, a interatividade, a multimidialidade, a instantaneidade, a potencialização da memória e a personalização. Com as novas possibilidades abertas pelos dispositivos que servem de suporte para o jornalismo na mobilidade surge uma nova característica: a taticidade. O uso do tátil como um sentido humano é tremendamente potencializado. É claro que poderíamos dizer que quando usamos o mouse já estamos, de alguma forma, envolvidos com a dimensão tátil. Mas nas telas táteis isso se potencializa enormemente: utilizamos os dedos, o toque e os diferentes movimentos de dedos, para produzir diferentes ações, e não só isso, pois podemos também pelo tátil receber informação. Podemos ter um *feedeback* de informação a partir do dispositivo. Com o mouse isso não acontece. Na tela tátil você pode, por exemplo, fazer um determinado movimento e sentir uma vibração como resposta a esse movimento. Esta é uma das áreas de reflexão e experimentação na qual tenho trabalhado recentemente.

A outra área que tem me interessado, já de algum tempo, e que foi o objeto mais direto de minha participação no evento realizado pelo Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco), é a questão da memória associada ao jornalismo, mais especificamente ao jornalismo nas redes de alta velocidade e agora à sua prática nos suportes da mobilidade. Tenho produzido reflexões sobre essa relação entre o jornalismo, a memória e a História.

Tactilidade, Jornalismo e dispositivos móveis

O tipo de trabalho que tenho feito sobre a tactilidade não vai pelos caminhos da cognição ou das relações entre a tactilidade e os processos psicológicos ou fisiológicos da tactilidade. Essas são áreas importantes, nas quais há muitos trabalhos realizados, mas que fogem à minha competência.

Tenho me direcionado mais para questões práticas ligadas ao jornalismo, associando a tactilidade ao design, equacionando os desafios de como adaptar a produção jornalística nas interfaces da mobilidade a essa nova potencialidade e dela tirar proveito. E aqui entram também em cena as ideias de [Marshall] McLuhan, porque o McLuhan diz que o conteúdo de

um meio é sempre o meio anterior. E nesse caso também isso se verifica. O que nós temos em relação aos suportes da mobilidade, aos *smartphones* e aos *tablets*, num primeiro momento, é a transposição das formas de fazer do jornalismo que já estão consolidadas, que já estão testadas no jornalismo da web. Isso ocorre da mesma maneira que nas primeiras

fases da produção na web, quando foram transpostos para o novo suporte os modelos existentes do jornalismo impresso: transpunha-se, física e metaforicamente, o jornalismo impresso para o jornalismo na web. Agora temos um fenômeno semelhante que é a transposição da metáfora da web para o dispositivo móvel. A metáfora facilita para o usuário a utilização dos novos dispositivos, ao apresentar o semelhante, o já conhecido. E facilita para o produtor que ainda não inventou formas

O que me tem interessado e ao grupo do Laboratório de Jornalismo Convergente da Universidade Federal da Bahia, ao qual estou ligado nesse projeto, é como criar uma linguagem própria dessas novas plataformas, desses novos suportes, que não seja simplesmente a utilização transpositiva.

capazes de explorar cabalmente as novas potencialidades que lhe são oferecidas pelos novos suportes.

O que me tem interessado, e ao grupo do Laboratório de Jornalismo Convergente da Universidade Federal da Bahia, ao qual estou ligado nesse projeto, é como criar uma linguagem própria dessas novas plataformas, desses novos suportes que não seja simplesmente a utilização transpositiva. Até porque a utilização transpositiva não contempla a taticidade, ou contempla a taticidade de uma maneira muito primária, porque não há o potencial da interação. O que me parece importante é pensar justamente de que maneira essa taticidade pode incrementar o controle do usuário sobre o produto e isso naturalmente se liga a duas características do jornalismo na web: à interatividade, por um lado, e à personalização, pelo outro.

A forma de consumir cada produto pode ser ajustada às necessidades de cada usuário, aos seus interesses. Se me interessa mais um determinado tipo de informação ou outro determinado tipo de informação, eu posso personalizar o consumo do produto jornalístico.

A interatividade é afetada, no sentido de que a taticidade é um elemento para crescer essa interatividade, o uso do tátil naturalmente expande as possibilidades de interação entre o usuário e o produto, isso é bastante claro, especialmente quando se considera a possibilidade de um *feedback* tátil. Não se trata apenas de que eu

possa fazer mais movimentos e acessar mais facilmente menus, ter uma agilidade maior nessa minha interação, mas eu posso, a partir do *feedback*, ter uma interação nos dois sentidos, quer dizer, eu interajo com o dispositivo e recebo uma resposta do dispositivo, uma resposta tátil e que me leva a uma outra forma de interação, por exemplo. Isso por um lado.

Por outro lado, no Laboratório de Jornalismo Convergente nós estamos também interessados no potencial de customização que essa forma de interagir traz consigo, o potencial para que a informação seja cada vez mais pessoal, mais personalizada. A forma de consumir cada produto pode

ser ajustada às necessidades de cada usuário, aos seus interesses. Se me interessa mais um determinado tipo de informação ou outro determinado tipo de informação, eu posso personalizar o consumo do produto jornalístico. Acredito que a taticidade incrementa a possibilidade dessa personalização. Em parceria com Rodrigo Cunha, um especialista da área do design, temos nos preocupado em pensar as formas de traduzir essa potencialidade em termos de design, em termos de interfaces que possibilitem o máximo de aproveitamento da característica e, ao mesmo tempo, percebendo que isso se liga fortemente a essas outras duas características [interatividade e personalização], pré-existentes em qualquer suporte web para o jornalismo.

Jornalismo, Memória e armazenamento de dados

Outra área que tenho pesquisado, que tem me interessado no âmbito do jornalismo de uma maneira geral e do jornalismo digital, nas redes telemáticas mais particularmente, é a questão da relação entre o jornalismo, a memória e a História.

Inicialmente eu diria que o primeiro mito a ser desfeito é a ideia que se resume num ditado popular que diz: “o jornal de ontem só serve para embrulhar peixe”. Isso, absolutamente, não é verdade. Serve também para embrulhar peixe, certamente, mas não serve só para embrulhar peixe; embrulhar peixe é uma nobre função do jornal do dia anterior, mas não é a única. O jornal de ontem sempre foi uma fonte,

uma forma de guardar a memória, uma forma de preservar a memória e uma fonte para a História. Isso sempre ocorreu.

Se um político se manifesta sobre alguma coisa, o que ele já disse antes sobre isso? O que ele disse antes está de acordo com o que ele está dizendo hoje, ou está em contradição? São formas de recuperação da memória, fazendo a memória dinâmica na produção e na recepção e possibilitando um jornalismo mais contextualizado, que é uma marca do jornalismo de qualidade.

O jornal impresso registra o cotidiano, a atualidade que imediatamente se torna passado, e esse cotidiano registrado e posteriormente resgatado, no futuro se torna um elemento de reconstituição do passado e, portanto, uma fonte para o historiador, o especialista na interpretação

historiográfica. Claro que o jornalismo enquanto uma fonte da História, o jornalismo enquanto um reservatório da memória, demanda uma interpretação como todo documento histórico, os documentos históricos só existem num processo de interpretação.

Há uma autora norte-americana, Barbie Zelizer, que diz que, de uma certa maneira, o jornalismo se constitui no primeiro borrador, um primeiro rascunho da História, que depois é aproveitado pelo historiador. O historiador dá a esse borrador uma forma mais definitiva através do método historiográfico, dos recursos da multiplicidade de fontes a que recorre, através da junção dessas diferentes fontes e do diálogo que o historiador estabelece entre essas diferentes fontes.

Então, fica claro que desde os primórdios do jornalismo impresso, essa atividade produzia um reservatório de memória. Era uma memória de acesso um pouco complicado, porque para acessá-la era necessário ir a uma biblioteca, ao arquivo do jornal, ou a uma hemeroteca que tivesse preservado as coleções dos jornais. Muitas vezes isso era difícil ou mesmo impossível porque esse material se deteriorava, já não existia mais.

O jornal de ontem sempre foi uma fonte, uma forma de guardar a memória, uma forma de preservar a memória e uma fonte para a História. Isso sempre ocorreu.

Com a digitalização da informação de uma maneira geral, com a digitalização da informação jornalística de maneira mais particular, esses reservatórios de memória se potencializam enormemente. Essa memória que era uma memória estática, escondida, por assim dizer, nesses arquivos e nessas hemerotecas, passa a ser uma memória dinâmica, no sentido de que pode ser utilizada tanto no processo de produção da informação quanto no processo de recepção. Por que? Porque o jornalista ao trabalhar a informação jornalística da atualidade, do momento, pode imediatamente recorrer aos arquivos que estão digitalizados. Naturalmente isso pressupõe a digitalização desses arquivos; nem todos os jornais têm os seus arquivos digitalizados hoje em dia, mas isso é algo que vem acontecendo de maneira crescente. Acho que podemos prever que no futuro todos terão os seus arquivos passados digitalizados e os

seus arquivos de internet preservados. Assim, ao produzir a informação, o jornalista pode se socorrer e ilustrar seu texto com a informação já acumulada sobre aquele assunto ou assuntos correlacionados; no processo de produção jornalística, a memória é acionada e se torna uma memória dinâmica em contraposição à memória estática que dormia nos arquivos de jornais e nas hemerotecas.

No processo de recepção acontece algo similar: cada vez mais o jornal online, o jornal nos suportes novos da mobilidade, aciona a memória. Já estamos acostumados a encontrar indicações ao pé da notícia do tipo “leia mais”, ou “veja também”, que remetem ao percurso anterior daquela informação ou a assuntos correlacionados no passado, remetem, portanto, à memória jornalística. Como consumidores podemos agora mais facilmente acessar essa informação passada. E o que isso produz? Produz uma maior contextualização do fato jornalístico, o que é um elemento fundamental para a qualidade do produto jornalístico. O que temos? Temos essa transformação de uma memória estática numa memória mais dinâmica, e de certa maneira, dado o grau de potencialização, isso é quase uma ruptura em termos da memória anterior.

O jornalismo nos suportes anteriores à internet também usava a memória. Estamos acostumados a ver no jornal impresso aquele ‘quadro’ aquele ‘olho’ no meio da matéria, fazendo uma recuperação de memória. Todo jornal sempre teve um setor de pesquisa dentro da sua organização. Eu próprio já trabalhei no setor de pesquisa de um jornal, onde fazíamos justamente isso. Um fato importante ocorria e nós éramos solicitados a produzir ‘uma memória’ desse fato ou de fatos correlacionados; quando não havia muito que fazer, escrevíamos obituários de pessoas vivas, “aquele lá está com o pé na cova...”. A memória naturalmente era acionada, mas acionada de uma maneira muito menos frequente e habitual.

A memória era acionada em momentos muito específicos, em momentos comemorativos. Era o Dia 7 de Setembro? Então tinha que entrar um quadrinho lembrando as margens do Ipiranga; completava-se o aniversário da morte de alguém, então tinha que ter uma biografiazinha para recuperar a memória. Ou então morreu fulano de tal e aí vai a história completa do monstro ou santo, a depender do posicionamento do jornal. A memória só era acionada esporadicamente, como um complemento de certo tipo de narrativa jornalística.

A memória dinâmica do jornalismo online possibilita uma outra utilização, que é entretecer o fato da atualidade com essa memória, seja qual for o fato. Todo acontecimento de alguma forma tem memória, tem fatos correlatos do passado que podem ampliar essa contextualização, facilitar essa contextualização. Se um político se manifesta sobre alguma coisa, o que ele já disse antes sobre isso? O que ele disse antes está de acordo com o que ele está dizendo hoje ou está em contradição? São formas de recuperação da memória fazendo a memória dinâmica na produção e na recepção e possibilitando um jornalismo mais contextualizado, que é uma marca do jornalismo de qualidade.

Eu diria que o jornalismo de qualidade hoje é o jornalismo que produz contexto. Porque produzir a informação direta e imediata do fato a própria internet, em grande medida, produz, através de seus múltiplos mecanismos de geração e circulação de informação. Tivemos na palestra do professor Marc Abélès, no Ciseco, e numa passagem ele dizia que o jornalista já não é necessário como mediador porque a internet produz a informação e o jornalista apenas comenta. Discordo, porque acho que é muito mais do que isso, o jornalista continua tendo uma função de mediação, porque há uma imensa quantidade de informação que tem que ser checada, filtrada, que tem que ser hierarquizada e colocada num formato específico que é o formato jornalístico.

Há uma diferença entre informação e informação jornalística, entre informação e discurso jornalístico estruturado, entre informação bruta e

O jornalista continua tendo uma função de mediação, porque há uma imensa quantidade de informação que tem que ser checada, filtrada, que tem que ser hierarquizada e colocada num formato específico que é o formato jornalístico.

informação hierarquizada, entre informação descontextualizada e informação contextualizada. Contextualização é uma tarefa fundamental para o jornalista de hoje e para o jornalista do futuro, se nós pensarmos em termos de produção de um jornalismo de qualidade. É claro que a recuperação da memória, da informação passada, é um

potentíssimo elemento na criação dessa contextualização. Contextualizar é ligar o que está acontecendo hoje com outras coisas que estão acontecendo hoje e que fazem alguma conexão, mas é também ligar essa

informação ao que aconteceu ontem, há um mês, há vários anos. O passado também produz contexto.

Marginálias Jornalísticas Contemporâneas

Primeiro gostaria de explicar um pouco o que é marginália. Entendo marginália no sentido dicionarizado da palavra, como anotações de margem. Nada tem a ver com marginal no sentido pejorativo da palavra, mas tem a ver com margem no sentido da margem de um texto. A marginália enquanto processo de produção textual existe desde sempre; não sei se podemos ir até a Idade da Pedra, mas de repente até na Idade da Pedra alguém escrevia alguma coisa, fazia

algum sinal e alguém ia lá e fazia outra anotação, feita por outro autor a partir de um signo produzido por um primeiro autor, um comentário aqui seria uma marginália da Pedra Lascada. Nas pinturas rupestres da Serra da Capivara [Piauí] há desenhos que foram posteriormente complementados por outros autores. Teríamos ali exemplos de uma marginália gráfica primitiva?

Pensando em termos mais recentes, os manuscritos eram frequentemente anotados. O material usado para os manuscritos, o suporte para a escrita, era muito caro, por isso era necessário utilizar todo o espaço disponível e as margens eram largamente usadas para anotações não só sobre o texto do manuscrito, mas algumas vezes até para a produção de outros textos.

Quando a imprensa é inventada e o livro se estabelece, a marginália continua sendo uma prática, porque até antes da segunda fase da revolução industrial os livros ainda eram caros e cada volume impresso tinha uma circulação ampla. Circulavam por grupos de pessoas e, muitas vezes, esses grupos se serviam das anotações de quem havia lido antes, como forma de trocar comentários, trocar impressões sobre aquele texto.

O que me interessa é a relação entre memória, História e jornalismo. Esses comentários podem ser vistos de duas formas. Podemos procurar nesses comentários uma forma de alargamento da informação jornalística. Os comentários de alguma forma complementam essa informação, contradizem essa informação, trazem elementos de tensão, trazem outras vozes.

O que estou tentando estabelecer é um paralelo entre esse tipo de prática e os comentários de leitor como uma forma de marginalia ao texto jornalístico. Há quem diga que os comentários nos jornais não são novidade e sempre existiram na forma mais restrita das cartas do leitor, das cartas ao diretor, cartas à redação, que são comentários que os leitores faziam e que eram naturalmente filtrados e colocados na edição seguinte. No entanto, hoje o que nós temos é a possibilidade de um comentário imediato com o jornalismo digital. Essa escrita à margem do texto principal na forma de comentários de leitor passa a ter uma ocorrência imediata após a divulgação do texto. Estou fazendo esse paralelo entre a marginalia clássica, a marginalia literária, a que sempre existiu, e essa nova forma de marginalia no texto jornalístico que seriam os comentários.

O que me interessa é a relação entre memória, História e jornalismo. Esses comentários podem ser vistos de duas formas. Podemos procurar neles uma forma de alargamento da informação jornalística. Os comentários de alguma forma complementam essa informação, contradizem essa informação, trazem elementos de tensão, trazem outras vozes. O comentário aparece como elemento de multivocalidade nesse jornalismo produzido para web, para o suporte da mobilidade. Por outro lado, certos comentários podem ser verdadeiras 'pérolas' como, por exemplo, a intervenção de um especialista que dá uma visão muito precisa sobre aquilo que está veiculado na informação, ou a manifestação de uma personalidade ilustre, que tem ou vem a adquirir no futuro um interesse intrínseco. O *New York Times* colocou todo o seu arquivo de jornais impressos na web e uma das coisas que se pode fazer é garimpar personalidades que foram publicadas enquanto comentadores, que assinaram cartas de leitores, pessoas ilustres, com Einstein ou Mark Twain, que frequentaram as páginas do jornal enquanto comentadores de notícia. Muitas personalidades podem ser recuperadas aí. Isso também acontece no jornalismo na internet, onde o pesquisador pode pinçar certas pérolas.

Outra dimensão que me interessa, para além das possíveis pérolas, é que esses comentários, no futuro, podem também servir como um indicador de um certo 'espírito do tempo': o que se comenta ali reproduz um pouco qual era o contexto em que aquilo acontecia e quais eram as opiniões mais recorrentes sobre um determinado assunto. Também o número de

comentários pode constituir uma informação valiosa: se uma notícia é mais comentada, outra menos comentada, o que é que isso pode nos indicar em termos da situação em que essa recepção se deu naquele momento? Esse tipo de produção discursiva, que estou chamando de *marginália jornalística*, através dos comentários de leitores pode se constituir num outro tipo de reservatório de memória para utilização futura e em fonte para estudos de atitudes e comportamentos.

Eu costumo dar o exemplo de um vídeo que foi produzido pela União Europeia, fazendo uma defesa da economia europeia, na base do apelo “compre produtos europeus e não compre produtos de outros países”. Nesse vídeo havia uma super-heroína, que era a Europa, e apareciam três vilões, que eram o Brasil, a Índia e a China. O Brasil era o capoeirista que ia lá lutar contra a heroína, o chinês atacava com uma cortante arma chinesa e a Índia era representada por um hindu com poderes mágicos. Isso provocou muito mal-estar, muitas críticas, acusações de racismo e etnocentrismo. O vídeo acabou sendo retirado do ar. Encontrei e guardei uma notícia sobre a retirada do vídeo, publicada no jornal português *Diário de Notícias*, com muitos comentários de leitores. É muito curioso porque ali estão comentários de brasileiros e portugueses. Há muitos brasileiros trabalhando, vivendo em Portugal. E há brasileiros vivendo no Brasil que lêem jornais portugueses. Então havia muitos comentários de brasileiros e portugueses. Numa verdadeira guerra. Muito daquilo era pura troca de insultos.

Para se apreciar esses comentários e essa guerra de insultos é preciso levar em conta o contexto. A troca de farpas está, de certa maneira, refletindo o contexto em que a produção e a retirada do vídeo se deram. O fato ocorreu num momento em que se estava justamente invertendo uma relação que era da movimentação desses brasileiros e desses portugueses. Os brasileiros que lá estão foram para Portugal há cinco, seis, 10 anos atrás, quando havia prosperidade em Portugal, ofereciam-se muitas oportunidades, os brasileiros foram para lá para usar essas oportunidades. Com a crise econômica, isso foi se invertendo: os brasileiros foram perdendo os seus empregos lá e os portugueses estão se movimentando para o lado de cá. Sente-se nos comentários um reflexo dessa situação e isso é interessante em termos de evidenciar um determinado contexto, um determinado momento, as circunstâncias específicas em que aquela recepção se dá e porque a recepção se dá

daquela forma. Esse é um exemplo concreto do interesse que eu tenho em relação a esses comentários, a essa margem jornalística.

O que digo também é que esses comentários, e a classificação que deles fazem as empresas de comunicação (“notícias mais comentadas”, “mais compartilhadas”), também evidenciam o que eu chamaria de ‘agenda secundária’, não secundária no sentido de menos importante, mas sim secundária no sentido de que a agenda primária seria a agenda dos mídia, o que está sendo agendado pelos mídia. E esses comentários produzem o agendamento da recepção, fornecem pistas de como a agenda primária foi recebida. São informações muito valiosas para a empresa: para que lado isso vai? Como retenho e fidelizo minha audiência? Mas são também valiosas para o jornalista, pois indicam o interesse da audiência, a oportunidade de se dar continuidade a um assunto.

Mas para além da questão de mensuração de audiência, está também a questão do ‘espírito de tempo’, tradução aproximada da expressão alemã *Zeitgeist*. O professor Antonio Fidalgo, da Universidade da Beira Interior, que participou da jornada do Ciseco, fez comentários pertinentes, tem reservas ao uso da expressão *Zeitgeist* porque a expressão tem um sentido bem estabelecido na Filosofia. Eu a utilizo de uma forma menos rigorosa, com um sentido genérico, do dicionário: *Zeitgeist* como esse espírito de tempo, uma determinada configuração que independe da vontade de cada um, como o conjunto dessas vontades, o conjunto dessas manifestações e da forma como nos manifestamos em determinados momentos. Se a proibição do vídeo, que usamos como exemplo, tivesse acontecido em um momento anterior, as manifestações seriam de outra ordem. Vejo o *Zeitgeist* como aquilo que leva os atores, coletivamente, a terem um âmbito de expressão e não outro âmbito de expressão; como um delimitador dos caminhos das opiniões, um demarcador de fronteiras de pensamento e posicionamentos em um determinado momento, em determinadas circunstâncias. Sempre é possível ir contra o *Zeitgeist*, é claro, mas teremos então um pensamento e um posicionamento ‘contra a corrente’, ‘a contrapelo’, com suas consequências positivas ou negativas.

Interatividade e produção de informação

Quando falamos de participação do leitor é preciso desfazer alguns mitos. Em primeiro lugar, essa ideia do cidadão repórter. Vamos com calma! Uma coisa é ser fonte, produzir uma informação factual. Estou em casa e cai um avião no terreno do lado e eu filmo isso. É uma forma de registro. Em seguida, ligo para o jornal e digo: "caiu um avião". Isso é uma forma de produção de informação, de registro, de testemunho. A produção jornalística é mais que isso. É o registro de um fato dentro de uma determinada lógica discursiva e balizado por uma prática que é histórica e não é essencialista. Não existe uma essência do jornalismo, mas existe uma história do jornalismo e existe o jornalismo na História e, portanto, esse texto que é reconhecido como jornalístico é mutável. Mas mesmo sendo mutável, ele é, a cada momento, reconhecido como tal; a cada momento histórico há um formato discursivo jornalístico com suas especificidades, em contraposição ou complementação a outros formatos textuais, discursivos, como por exemplo o formato discursivo jurídico, o formato discursivo literário, o científico e por ai afora.

Quando nós lemos um texto, que está inserido em um determinado tempo, somos capazes de dizer: isso é um texto jurídico, isso é um texto literário, isso é um texto jornalístico. Dizer que todos somos jornalistas quando colocamos alguma coisa na internet é uma bobagem. Somos, cada vez mais, produtores de informação, verificáveis ou não. Somos jornalistas – ainda que não tenhamos diplomas de cursos de jornalismo, registro de jornalista ou o que seja – quando produzimos textos dentro de um formato jornalístico e balizado pelos critérios que configuram a prática jornalística num determinado momento histórico. Aí, sim, o cidadão pode ser considerado jornalista, no sentido de que produziu um texto com essas características.

Quando uma empresa jornalística se propõe a transformar todos os seus leitores em jornalistas, devemos tomar isso com muito cuidado. Na verdade, o maior interesse da empresa jornalística é a fidelização do leitor, e estou falando do jornalismo das grandes empresas, do chamado *mainstream*. Não estou falando, é claro, do jornalismo alternativo, mas sim do jornalismo da grande mídia. Quando se abre ao cidadão, com o intuito de fidelizá-lo como leitor, a possibilidade de contribuir na produção de informação, os resultados são em geral risíveis. Se vocês tomarem uma página do chamado 'jornalismo cidadão' nos grandes jornais, o que vamos ver é um mosaico de informações retrabalhadas pela redação, um mosaico de informações totalmente descabeladas, desconectadas, sem qualquer critério de hierarquia de informação. O que chegar serve, o que chegar se encaixa. Se eu disser "foi atropelado um gato em minha rua", a informação é publicada. Uma festa familiar que aconteceu, a formatura de um grupo de estudantes do ensino fundamental em uma escola da periferia da cidade, tudo é publicado e com o mesmo destaque do atropelamento do gato. Onde estão os critérios de noticiabilidade? Onde está a hierarquia da informação? A quem aquele conjunto heterogêneo pode interessar? Olho pra aquilo e nem consigo me situar ali. Interessa para os amigos e família daquele que viu o gato atropelado e teve seu testemunho publicado no jornal, interessa para os alunos daquela escola de periferia e seus familiares. Isso fideliza os leitores, pois eles se sentem acolhidos. Busca-se dessa maneira a formação de comunidade, a comunidade dos produtores e dos consumidores da informação, vende-se

A produção jornalística é o registro de um fato dentro de uma determinada lógica discursiva e balizado por uma prática que é histórica e não é essencialista. Não existe uma essência do jornalismo, mas existe uma história do jornalismo e existe o jornalismo na História e, portanto, esse texto que é reconhecido como jornalístico é mutável. Mas mesmo sendo mutável ele é, a cada momento, reconhecido como tal; a cada momento histórico há um formato discursivo jornalístico com suas especificidades, em contraposição ou complementação a outros formatos textuais, discursivos (...)

a ideia de que “nós formamos uma comunidade”. Faz sentido? Muito pouco enquanto produção jornalística de qualidade, com interesse público, critérios claros de noticiabilidade, padrões éticos, hierarquia informativa, contextualização, ainda que, eventualmente, peças produzidas pelos leitores tenham de fato valor jornalístico e possam até mesmo ‘subir’ para as páginas principais do jornal. Mas faz muito sentido, principalmente, quando o objetivo é fidelizar a audiência.

A fidelização do leitor no jornal impresso sempre se deu pela formação de comunidade. Os leitores e assinantes de *O Estado de S. Paulo* formam uma comunidade. O meu pai era leitor e assinante de *O Estado de São*

Dizer que todos somos jornalistas quando colocamos alguma coisa na internet é uma bobagem. Somos, cada vez mais, produtores de informação, verificáveis ou não. Somos jornalistas – ainda que não tenhamos diplomas de cursos de jornalismo, registro de jornalista ou o que seja – quando produzimos textos dentro de um formato jornalístico e balizado pelos critérios que configuram a prática jornalística num determinado momento histórico. Aí, sim, o cidadão pode ser considerado jornalista, no sentido de que produziu um texto com essas características.

Paulo e passou para mim, como que uma herança, o hábito de assinar e ler esse jornal, ao qual me acostumei desde a infância. Nas redes isso é mais complicado. Porque os conteúdos se tornam muito homogêneos. Como fidelizo? Como faço com que esse leitor volte ao meu *site* e não a outro? Uma das maneiras é buscar fidelizar o leitor criando esse sentimento de comunidade e acolhendo a sua participação dentro dessa comunidade não apenas como leitor, mas como ‘colaborador’, como ‘coenunciador’, ainda que isso acontece apenas em páginas

especialmente concebidas para tal finalidade, ainda que suas contribuições acabem em um gueto noticioso em forma de mosaico.

Por outro lado, isso se reflete também nos comentários do leitor. Nessa modalidade de acolhimento, abre-se também a notícia principal para que o leitor se expresse. Da mesma maneira que já se abria com as cartas. Só que agora de uma maneira muito mais potencializada e muito menos filtrada. Em geral há pouca censura nos comentários de leitores e passam muitas coisas. Existem filtragens, existe censura no sentido de retirar ou

impedir a entrada de textos ou expressões que venham a gerar processos jurídicos contra a empresa, mas pelo geral os comentários são publicados na íntegra. Por outro lado, se não há muita filtragem, tampouco há respostas.

Os comentários ficam lá, essa marginalia fica por lá e eu espero que venha a ser útil no futuro, para nos ajudar a recuperar a História e a memória do nosso tempo. Mas no momento presente muito pouco do que se comenta é respondido por aqueles que abrem esse espaço, pelas empresas e pelos próprios jornalistas. É muito raro que o jornalista leia aqueles comentários e em determinado momento entre ali e responda: "Olha fulano, você disse isso, mas na verdade também tem isso, eu vi, eu afirmo que sim, porque eu entrevistei. É verdade que o que você comenta não entrou na matéria, mas para compensar eu vou colocar aqui esse texto da entrevista com essa outra pessoa, com uma outra versão", etc etc. Isso não acontece ou acontece muito raramente na imprensa tradicional. Nesse sentido, essa marginalia vale mais como elemento de fidelização no momento presente, mas pode vir a servir como elemento de recuperação de memória e de construção da narrativa histórica no futuro.